

Kesa Kudoku: Virtude do Kashaya

Rev. Kenshu Sugawara
Centro de Estudos Soto Zen
Pesquisador Sênior

Prefácio: Da transmissão do *kashaya* à virtude do *kashaya*

Na escola Zen há uma tradição na transmissão do *kashaya*. *Kashaya* é a palavra em Sânscrito para *kesá* (ou *okesá*) em Japonês. O *kashaya* é o manto usado por Buda e alunos. Atualmente, é usado pelo clero Budista. Podemos observar muitos exemplos da sua transmissão: O Buda Shakyamuni confiou a Mahakashyapa a transmissão do *kashaya* do Quinto patriarca Daiman Konin para o Sexto Daikan Eno e que a transmitiu a Fuyo Dokai's. Estes relatos significam que o Dharma de Buda foi transmitido em simultaneidade com o *kashaya*. Por este motivo, o *kashaya* não é apenas uma peça de vestuário.

No *Shobogenzo* de Dogen Zenji, existem dois fascículos sobre o *kashaya*: *Den-e* (“Transmitindo o *Kashaya*”) e *Kesa Kudoku* (“Virtude do *Kashaya*”). No início de cada fascículo, existe uma história relacionada com o *kashaya* confiado ao Sexto Antepassado, Eno. Depois de ter sido transmitido pelo Quinto Patriarca, o *kashaya* do Sexto Patriarca foi conservado no Monte Sokei para evitar um conflito por ele. Diz-se que os sucessivos imperadores da Dinastia Tang todos veneraram o *kashaya* do Sexto Antepassado como um objeto sagrado. O fascículo *Den-e*, depois de mencionar esta história, passa a discutir a transmissão autêntica do *kashaya*. O fascículo *Kesa Kudoku* discute o amplo benefício da veneração do *kashaya* do Buda.

A Sotoshu realça bastante o valor do *kashaya*. É natural para os Budistas valorizarem o *kashaya*. Em sua ordenação, o monge Budista recebe três tipos de *kashaya* – de cinco tiras, de sete e de nove. Acredita-se que, quando os Budas alcançam o Caminho, sem exceção, vestem sempre um *kashaya*. Particularmente na Sotoshu, desde a fase mais precoce de prática, o noviço é rigorosamente formado para o apreço profundo pelo *kashaya*. Esta reverência pelo *kashaya* inclui as palavras utilizadas para o denominar, o respetivo tratamento e, em última instância, uma fé profundo no próprio *kashaya*.

Nomes para o *kashaya*

Em *Shobogenzo Jikuinmon* (“Instruções sobre o Trabalho de Cozinha”), Dogen Zenji diz-nos para recorrermos a palavras delicadas para os vários ingredientes utilizados na cozinha. Por exemplo, ele diz que não devemos chamar ao arroz “*kome*” (“arroz” em Japonês) mas sim “*oyone*” (a expressão honorífica de “*kome*”). Por este motivo, a Sotoshu tem uma tradição de atribuir delicadamente títulos honoríficos a coisas que incorporam o Dharma de Buda. Não devemos falar destes sem utilizar s títulos honoríficos. Esta forma de falar também deve ser aplicada ao *kashaya*. Quando, como principiantes, irrefletidamente chamamos o manto *kesa* em Japonês, esquecendo o título honorífico, somos advertidos por um professor ou um monge mais velho para não o chamar de *kesa*, mas sim de *o-kesa*, utilizando o prefixo honorífico *o*. No decurso da nossa formação diária, fica em

nossa consciência que devemos tratar o *kashaya* com grande respeito. Esta situação acaba por nos levar a acreditar no *kashaya*.

Em *Shobogenzo Kesa Kudoku*, o Dogen Zenji indica uma lista de outros nomes atribuídos ao *kashaya* como louvor pela sua virtude – “o vestuário da emancipação”, “o manto da área das boas ações”, “o manto além da forma”, “o manto da paciência”, “o manto de Tathagata”, “o manto do grande amor e da grande compaixão”, “o manto como bandeira de vitória” e “o manto do inultrapassável, do todo, da iluminação”. Diz-se que vestir o *kashaya* é, em si próprio, alcançar imediatamente a sabedoria de Buda e a libertação total de toda a angústia.

Tratamento do *kashaya*

Menzan Zuiho, um monge estudante da Soto Zen, escreveu *Admonitions Concerning the Buddhist Robe* (Advertências Relacionadas com o Manto Budista) (*Shakushi Hoikun*, publicado em 1768). Neste texto, Menzan critica um monge que, num banho público, dispa o manto de cinco tiras juntamente com a roupa de baixo e se sente nu sobre eles, após terminar seu banho. Claro que é um comportamento indigno, mas era parte da realidade naqueles dias. Mesmo agora, quando imaginamos essa situação, apenas podemos desaprová-la totalmente.

Em *The Record of Personal Experiences During Hoen Era* (O Registo de Experiências Pessoais Durante a Era de Hoen) (*Kenmon Hoeki*, publicado em 1744), que regista os discursos e atos do professor de Menzan, Sonno Shueki, este indicou com admiração um monge noviço “para ter em alta consideração na cidade de Edo”, porque esse monge, despiu delicadamente o seu *kashaya* para urinar. Não é uma pessoa com orgulho da iluminação ou que seja notável nos estudos para ser altamente considerado, mas por ser uma pessoa que trata o *kashaya* de forma adequada.

Para o tratamento do *kashaya* num mosteiro de formação, em *Bendoho*, o Dogen Zenji aconselha-nos meticulosamente “Quando dobrar o seu *kashaya*, não se coloque sobre o seu lugar nem segure a ponta do *kashaya* na sua boca. Não segure o *kashaya* com ambas as mãos e sacuda-o vigorosamente. Para o dobrar, não pise o *kashaya* nem o segure com o seu queixo”.

Aprendemos tudo isto imediatamente no mosteiro. A razão para termos de tratar o *kashaya* com grande respeito é porque se trata de algo que os Budas veneram e no qual se refugiam. E todos os budas protegem e apoiam os esforços de uma pessoa que vista um *kashaya*, para concretizar um despertar inultrapassável. É por este motivo que não devemos menosprezar o *kashaya*.

A Virtude do *Kashaya*: A Monja Utpalavarna

Existem muitos relatos da virtude do *kashaya*, mas talvez a história mais valorizada seja a da Monja Utpalavarna, incluída nos fascículos *Shukke Kudoku* (“Virtude de sair de Casa”), *Kesa Kudoku* e *Doshin* (“Coração do Caminho”) de *Shobogenzo*. Esta história foi originalmente encontrada em *Daichido Ron* de Nagarjuna (*Treatise on Realization of Great Wisdom – Dissertação sobre a Concretização da Grande Sabedoria*), volume 13. Conta como a Monja Utpalavarna cumpriu os seis poderes miraculosos e a dignidade no tempo do Buda Shakyamuni. Nagarjuna explica que a Monja Utpalavarna era uma animadora que vestiu um *kashaya* de monja como brincadeira. Devido à virtude do *kashaya*, através desta ação, ela renasceu como monja no tempo do Buda Kashyapa.

Numa vida posterior, ela conheceu o Buda Shakyamuni, deixou a sua casa e tornou-se muito digna. Ela quebrou muitas vezes as normas durante este processo, mas a virtude de vestir o *kashaya* foi muito mais poderosa que os seus atos pouco éticos.

Kesa Kudoku: As cinco virtudes sagradas

Em *Shobogenzo Kesa Kudoku*, Dogen Zenji cita passagens do *Sutra da Flor da Compaixão*, volume 8, e fala acerca dos cinco juramentos relacionados com a virtude do *kashaya* entre os 500 grandes juramentos do Buda Shakyamuni realizados na presença do Buda Ratnakosha. Os cinco juramentos são:

1. Não regredir para uma fase a partir da qual é impossível receber uma profecia de que se irá tornar um Buda.
2. Não regredir da fase já alcançada.
3. Ter o suficiente para comer e beber e desejos imediatamente concretizados.
4. Não ter sentimentos de ódio para com os outros e despertar pensamentos saudáveis e de compaixão.
5. Vencer sempre os inimigos e evitar problemas.

Dogen Zenji sugere que quando recolhermos as virtudes do *kashaya* de muitos sutras e comentários, devemos manter sempre essas cinco virtudes sagradas como base.

As virtudes do *kashaya* incluem, não apenas os seus benefícios seculares, mas também a grande ajuda que recebemos quando percorremos o Caminho de Buda, deixando para trás o mundo secular.

Verso para Vestir o *Kashaya*

Gostaria de terminar mencionando “O Verso para Vestir o *Kashaya*”, transmitido por Dogen Zenji. Este verso também é chamado “palavras quando se coloca o *kashaya* na cabeça”. Quando o Dogen Zenji praticava na China, observou o monge ao seu lado a colocar o *kashaya* na cabeça e a cantar um verso. Ele transmitiu esse verso para o Japão e nós cantamo-lo quando terminamos o zazen matinal e vestimos o *kashaya* todas as manhãs.

Em *Kesa Kudoku*, Dogen escreveu “Quando estive na China durante a Dinastia Song, praticando numa longa plataforma para sentar, observei um monge sentado ao meu lado. No final do zazen matinal, ele segurava o seu *kashaya*, colocava-o na cabeça e cantava um verso com as palmas juntas:

Grande manto que conduz à libertação,
O manto para além de qualquer forma, traz magníficos benefícios para todos os seres
Visto os ensinamentos do Tathagata
A fim de salvar todos os seres sensíveis

Nesse momento, tive um sentimento como nunca tinha tido anteriormente. Rejubei e as lágrimas

molharam a gola do meu manto.”

Quando o Dogen Zenji observou a forma como o *kashaya* foi vestido e escutou o verso, rejubilou tanto que molhou a gola do seu manto com as lágrimas. Tal é a preciosidade deste verso. Já lemos este verso no *Agamas* (não é clara qual a parte do sutra a que se refere), mas ele não tinha conhecimento específico sobre como vestir o *kashaya*. Ele ficou muito comovido pela postura do monge a seu lado. Os modos desse monge eram muito delicados. O verso que cantou louvava as virtudes do *kashaya* e demonstrou claramente que o *kashaya* é a incorporação da sabedoria e do juramento. Quando consideramos a virtude do *kashaya* como expressa neste verso, vestir o *kashaya* tem a virtude que nos permite não apenas alcançar a sabedoria acerca da nossa libertação pessoal, mas também para percorrer o Caminho de Buda, envolvendo-nos num juramento profundo para também salvar todos os seres.

Originalmente escrito em Japonês pelo Rev. Kenshu Sugawara

Traduzido para Inglês pelo Rev. Issho Fujita

Assistido pelo Rev. Tonen O'Connor e pelo Rev. Zuiko Redding